

37º ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS

ST 06: Espaço e território no pensamento brasileiro: História, ciências sociais e questões de pesquisa

NOTAS SOBRE UMA MICROSSOCIOLOGIA DOS ESPAÇOS URBANOS: TESES E DISSERTAÇÕES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA¹

IRLYS BARREIRA E GEISA MATTOS ²

Frequentemente excluídas de uma análise sobre a produção do conhecimento no campo sociológico ou antropológico, as teses e dissertações feitas no conjunto dos programas de pós-graduação funcionam como espécies de ritos corporificados em documentos, importantes para conferirem um diploma, mas pouco afeitos a uma investigação sobre sua forma de construção e expressividade no campo intelectual.

A hipótese desenvolvida no presente artigo é a de que as teses e dissertações, para além de sua função de conferência de títulos, constituem um registro importante de percepção das apropriações teóricas e metodológicas de correntes de pensamento, na área de ciências sociais, feitas por jovens pesquisadores considerados aptos ao ingresso na carreira acadêmica.

A percepção de que as teses e dissertações exprimem modos de produção acadêmica de uma época contém alguns pressupostos. Não só a situação de aluno-aprendiz condiciona a atualização de referências teóricas bibliográficas utilizadas em sua pesquisa, como as percepções de avaliadores, incluindo orientadores, consideram relevante a comprovação do domínio sobre o estado da arte em suas diferentes especializações. As citações, as referências teóricas e a atualização bibliográfica constituem espécies de

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no simpósio 464 “El giro cultural do espaço urbano: reflexões a partir do discurso sociológico”, no 54º Congresso Internacional de Americanistas, Viena, 2012

² Irllys Barreira e Geísa Mattos são, respectivamente, professora titular e professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

questos obrigatórios que legitimam os trabalhos de tese e dissertação, mesmos aqueles caracterizados por introduzir aspectos originais oriundos de suas pesquisas.

Tomar esse material como peça reveladora de movimentos teóricos, abordagens e perspectivas de investigação, nas áreas de sociologia e antropologia, signatários de momentos específicos da construção do conhecimento pareceu-nos um caminho interessante para pensar sobre a dinâmica reflexiva das ciências sociais. A hipótese aqui desenvolvida é a de que as teses e dissertações expressam na escolha de temas, no uso de autores e nos modos de realizar a pesquisa momentos especiais de construir e reproduzir conhecimentos em campos específicos da prática acadêmica.

Tomamos como recorte para esta reflexão as teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Ceará (UFC) que tiveram como referencia de pesquisa a cidade de Fortaleza. Trata-se de trabalhos que expressam diferentes formas de articulação entre o plano empírico e teórico o que permite observar, no intervalo de mais de dez anos, mudanças de enfoque e modos variados de percepção sobre o objeto analisado.

Em termos gerais os recortes de objeto aqui apresentados são parte de uma dinâmica global que não se restringe ao PPGS da UFC e, embora expresse uma forma delimitada de análise, apresenta tendências gerais da investigação sociológica que podem ser observadas, em maior ou menor escala, em outros lugares de exercício da produção acadêmica. Buscamos captar uma dinâmica certamente caracterizada por expressões semelhantes vigentes em outros contextos acadêmicos, tendo em vista as influências advindas das trocas acadêmicas realizadas nos espaços dos congressos, das pós-graduações e das bancas examinadoras. Vale ressaltar, que hoje as ciências sociais caracterizam-se por grande mobilidade explicitada em eventos e acessibilidade por meio de *internet* retirando assim parte significativa do que poderia ser identificado como “especificidade regional”.

Neste sentido, não chega a ser surpreendente a recorrência em teses e dissertações a autores e teorias, acompanhados de recortes metodológicos

temporalmente convergentes, funcionando como espécies de “moda” apresentando caminhos certamente impensáveis ou inusitados em outros momentos da produção do conhecimento.

O presente artigo representa um extrato da pesquisa registrada no departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, com o título “Fortaleza: percepção de uma cidade no discurso acadêmico”. A constatação da existência de um volume significativo de teses e dissertações nas quais a cidade aparece de forma explícita ou indireta como objeto de investigação, desde o final da década de 1990 até o período atual, no PPGS da UFC, suscitou as primeiras indagações sobre o caráter significativo daquela produção e sua capacidade de exprimir tendências teóricas, registros peculiares ao contexto local, enfim modos diferenciados de realizar o saber sociológico e antropológico.

Buscamos explorar, ao longo do texto, um dos itens que compõem o escopo temático das teses e dissertações do PPGS que poderia ser classificado pela designação de “estudos urbanos”. As variações desse enquadramento temático, seja no uso e apropriação do pensamento de autores, seja nas formas de pesquisa ou nas perspectivas que compõem o “recorte do objeto” constituem a diretriz que informará as principais idéias deste artigo. Assim, o tema “urbano”, enfocando a cidade em diferentes perspectivas, constitui uma porta de entrada interessante para se verificar sobre a presença de convergências temáticas que aparecem no tratamento teórico e empírico do objeto.

Foram selecionados inicialmente na triagem de pesquisa 30 trabalhos (incluindo teses e dissertações) que foram lidos, resumidos e discutidos por uma equipe voluntária de estudantes de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais³, ficando posteriormente restritos a 27⁴. Para uma seleção

³ Ao longo do projeto realizamos quatro reuniões de apresentação das sínteses feitas pelos voluntários e de discussão das categorias centrais identificadas por eles nas leituras. Participaram desta pesquisa os seguintes estudantes de Graduação em Ciências Sociais, UFC: João Miguel de Araújo Lima, Luan Teixeira, Sérgio Martins (bolsistas do CNPq), Caio Feitosa, Bruno Duarte, Ana Rafaela Sousa, Daniel de Castro, Márlia Paiva, Eliakim Lucena, Josileine Abreu, Deisiane Aguiar (voluntários). Participaram ainda os estudantes de Pós-Graduação em Sociologia: Juliana Avelar, Ercílio Langa e Marília Passos (Mestrado) e Igor Monteiro

mais restrita, foi levado em conta o caráter explícito que a cidade assumia como tema de pesquisa e reflexão, considerando que perspectiva muito alargada que abrangesse todas as investigações feitas na cidade poderia perder de vista as especificidades do recorte baseado em uma percepção sobre o fenômeno urbano⁵. Entendemos, como Magnani (2002), que o campo pode ser delimitado:

reservando a denominação de antropologia urbana *strictu sensu* para o estudo dos grupos sociais e suas práticas quando propriamente inscritos na trama da cidade, isto é, articulados na e com a paisagem, equipamentos ou instituições urbanas, considerados não como mero cenário, mas como parte constitutiva dessas práticas. Trata-se de uma primeira aproximação à complexidade da dinâmica urbana contemporânea: nesse plano, a unidade de análise da antropologia urbana seria constituída pelas diferentes práticas e não pela cidade como uma totalidade ou uma forma específica de assentamento, configurando o que se entende antes por antropologia na cidade e não – ao menos não ainda – como antropologia *da* cidade (MAGNANI, 2002, p. 25)⁶

(Doutorado). Participou ainda o doutorando em Antropologia pela Universidade Paris 3, Nova Sorbonne, Centro de Altos Estudos sobre América Latina, Julien Zeppetella.

⁴ Os trabalhos selecionados estão citados de modo completo nas referências bibliográficas. Em ordem cronológica, os autores: Arrais (1993); Vale (1997); Barbosa (1997); Diógenes (1998); Pimentel (1998); Bezerra (1999); Schramm (2001); Aragão (2002); Freitas (2003); Prado (2003); Moreira (2004); Mattos (2004); Lima Filho (2004); Pimentel (2004); Oliveira (2006); Maciel (2006); Albuquerque (2006); Gadelha (2007); Paiva (2007); Matos Jr. (2008); Bezerra (2008); Monteiro (2008); Vasconcelos (2008); Mesquita (2009); Viana (2009); Viana (2009); Ribeiro (2010) e Sá (2010).

⁵ Esta preocupação em distinguir de forma mais restrita o campo da antropologia urbana está presente em obra clássica de Ulf Hannerz (1983), que analisa a produção sobre cidade na sociologia e antropologia, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Também vem sendo expressa por Heitor Frugóli Jr (2005) e por Magnani (2002), de formas diferentes, no contexto da antropologia urbana nacional.

⁶ O autor, no entanto, no mesmo texto, demonstra que seu objetivo final é o de seguir em busca de princípios mais abrangentes, de estruturas de longa duração e da referência a planos e modelos mais amplos, na direção aí sim de uma antropologia *da* cidade (MAGNANI, 2002, p. 26).

Os trabalhos que foram então identificados como relevantes para a pesquisa refletem sobre práticas sociais articuladas de forma intrínseca e direta à realidade urbana. A amostra analisada foi representativa embora não ampliada, considerando-se a rede de interações temáticas presente nos trabalhos observados sob a óptica da cidade. Certamente uma leitura mais pormenorizada de outros trabalhos produzidos no mesmo período – que compreende a segunda metade dos anos 1990 até 2010 – poderia levar a mais “achados” em pesquisas que não tratavam diretamente da cidade mas a tinham como lócus de referência. Identificamos portanto uma separação entre investigações feitas na cidade e investigações feitas sobre a cidade, sendo esta última tema fundamental da análise sobre a produção do conhecimento das teses e dissertações.

Os estudantes de Graduação e Pós-Graduação em Sociologia que participaram da pesquisa foram treinados para as leituras de forma a registrar o objeto de cada tese e dissertação analisada; as principais abordagens teórico-metodológicas; as categorias analíticas e categorias “nativas” centrais; os autores mais citados e os “parágrafos-chave”, isto é, os mais significativos e diretamente alusivos ao conteúdo de cada texto. Reuniões de trabalho e checagem das informações coletadas em fichas permitiram o afinamento de instrumentos e a convergência de critérios de identificação. Essa perspectiva foi fundamental para balizar instrumentos comuns e identificar nos trabalhos as convergências, movimentos e mudanças no decorrer do tempo.

Os trabalhos escolhidos e analisados tiveram como referência a apresentação de categorias analíticas indicativa das formas de olhar a cidade. As recorrências encontradas, certamente refletiam os novos paradigmas oriundos das leituras mais em voga e das discussões em sala de aula no PPGS e nos congressos de ciências sociais do período. A amostra analisada foi também reveladora da importância que a reflexão específica sobre o fenômeno urbano obteve nos últimos 15 anos entre os cientistas sociais no Brasil.

A CIDADE COMO PONTO DE REFERÊNCIA

Uma mudança de enfoque sobre a cidade antes pensada como unidade, para uma abordagem centrada em delimitações que poderiam ser designadas como micro- sociais demarca um novo momento da produção das teses e dissertações. As “marcas locais da cidade” aparecem na escolha de bairros e espaços dotados de usos específicos (aeroporto, praias, praças e cinemas) apontando a dinamicidade e variabilidade do fluxo urbano.

De fato, se observarmos as marcas hegemônicas da sociologia urbana presentes, por exemplo, nos trabalhos de Castells (1980), Topalov (1979), Preteceille (1985) e outros, verificamos que a abordagem que enfocava a cidade como expressão de conflitos ou contradições estruturais modelava parte significativa das produções na área. A metrópole e seus conflitos, a gestão dos meios de consumo urbanos e as desigualdades de acesso aos espaços citadinos constituíam as referências analíticas mais presentes veiculadas, sobretudo, desde o final da década de 1970.

A partir do final dos anos 1990, os trabalhos que tomam a cidade como objeto de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC tem a influência marcante dos conceitos de *território* e de *espaço* seguindo, entre outros, o arcabouço conceitual de Félix Guatarri e Michel de Certeau. O de Guatarri denominado “Espaço e poder: a criação de territórios na cidade”, publicado na Revista de Estudos Regionais e Urbanos, *Espaço & Debates* (Ano V, nº 16, SP, 1985), passa a ser uma das referências importantes nos estudos sobre cidade no Brasil, e não só para a sociologia e antropologia, mas também para a arquitetura e a geografia. Já no começo dos anos 2000, foi a série de cinco volumes de *Mil Platôs* (Ed. 34), lançada com Deleuze, que veio a exercer influência nas pesquisas de mestrado e doutorado, introduzindo uma outra perspectiva analítica sobre o espaço urbano, contribuindo para a passagem de uma sociologia ou antropologia *na* cidade, para uma antropologia ou sociologia *da* cidade vista como múltipla e complexa em seus usos e significados.

Tomando por base a perspectiva da “micropolítica do cotidiano”, introduzida por Michel Foucault (1979), Deleuze e Guattari incorporam não só o exame das relações de poder, mas a produção de subjetividades tendo em vista ampliar a percepção sobre a criação de territórios na cidade. O território estaria ligado a uma “ordem de subjetivação individual e coletiva”, firmando-se como espaço de “relações funcionais de toda ordem”. Se o espaço atuaria como uma referência extrínseca em relação aos objetos que ele contém, o território estaria em uma relação intrínseca com a subjetividade que o delimita. O conceito de território, mais que um referente geográfico, constitui no âmbito dos trabalhos analisados o componente simbólico de registro de um “lugar” social, podendo representar zonas de recomposição e de identificação entre os indivíduos e os espaços vividos (ver também GUATTARI e ROLNIK, 1986)

Essa perspectiva aparece em uma das primeiras teses do PPGS-UFC (Diógenes, 1998) a pensar localmente a importância da construção simbólica de territórios, no caso específico, a partir das disputas entre os integrantes de gangues:

Dentro do suposto espaço de domínio da gangue no bairro, a vigilância da polícia manifesta-se como forma de intimidar a circulação dos seus integrantes e de contenção do registro de marcas territoriais como expressão concreta do poder da gangue sobre o espaço. As gangues criam uma trama de domínio territorial, mobilizam enfrentamentos nesses campos de ação, canalizam energias vigilantes e violentas para a demarcação de fronteiras e, nessa coreografia de um poder sobre o espaço, estrategizam a visualização e a demarcação do território corpo (DIÓGENES, 1998, pp. 204-205).

Outra dissertação (Vale, 1997)⁷ elaborada no mesmo período, também buscou inspiração na idéia de território como construção simbólica, sem subsumi-lo à noção de identidade considerada pelo autor pouco adequada para

⁷ Publicada com o título *No Escurinho do Cinema: cenas de um público implícito* (São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000).

pensar a complexidade das relações que são estabelecidas com o público freqüentador do Cine Jangada⁸. O trabalho de Vale (op. cit.) pode ser considerado marcante para uma antropologia da cidade no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, uma vez que se dispôs a “contribuir para desenhar um novo tipo de mapa, com o qual se pudesse descrever e compreender a metrópole, suas modalidades de diversão, seus funcionamentos marginais” (p. 14). Os modos de utilização do espaço como produção de subjetividades são assim justificados pelo autor:

optou-se por pensar a distribuição dos corpos naquela sala de exibição, os “esquemas mentais” e “corporais” que lhe davam sentido, bem como a urdidura de rituais, signos e códigos que efetivamente operavam no interior daquela sala de exibição. Enfoca-se os aspectos constitutivos daquela socialidade, a partir do depoimento de personagens assíduos e intermitentes que compunham aquela platéia, as distintas motivações que os levavam àquela sala, bem como os encontros e conflitos que ali ocorriam, enfatizando a atuação dos travestis e o mercado da prostituição no Cine Jangada (VALE, 1997, p. 15).

Nota-se também nestes primeiros trabalhos nos quais a cidade é tematizada como objeto, a influência de Michel Foucault com atenção dirigida para os movimentos dos *corpos no espaço*, buscando dar conta de variadas expressões do exercício do poder. Sendo o poder percebido por meio de práticas sociais, lutas e posições estratégicas, ele não se apresenta como substancia definida por uma posse ou lugar. Foucault contribui para uma reflexão sobre o poder com essa visão positiva que *produz com o corpo* e não só recalca ou disciplina.

Nos trabalhos citados anteriormente, o espaço é apropriado pelos “corpos em movimento”, refletindo tensões e conflitos da sociedade mais ampla. Descreve-se, por exemplo, os movimentos das gangues pela cidade

⁸ Cine situado no centro de Fortaleza que existiu durante 47 anos e tornou-se na década de 1990 local de exibição de filme do gênero pornô destinado ao público de gays e travestis.

como tensões permanentes entre a aventura da expansão, da conquista de outros espaços, e a concentração em “áreas” específicas, isto é, lugares onde se sentem a salvo de rivais e da polícia (DIÓGENES, 1998).

As interações sociais em uma sala de cinema pornô são percebidas como sendo, sobretudo corporais, conferindo às palavras um papel secundário. Nas experiências de transgressão vividas pelos corpos na plateia, é estabelecida uma cumplicidade na pertença a um “território marginal”. Assim, busca-se “trazer à tona ‘mapas urbanos invisíveis’ e territorialidades da cidade que remetem a questões como marginalização e estigmatização sociais” (VALE, 1997, p. 22).

ANTROPOLOGIA E GEOGRAFIA

A ênfase na cultura como eixo de compreensão sociológica tornava-se um paradigma na década de 1990 nas pós-graduações em sociologia. Barreira assinala que os grupos de trabalhos apresentados à ANPOCS a partir de 1994 passaram a ter o tema da cultura como complemento: “Cultura e Mídia”, “Cultura e Identidade”, “Cultura e Etnia”, o que a autora identifica como “busca de explicações que remetem ao tema da cultura, atuando como variável mediadora entre processos e comportamentos sociais” (BARREIRA, 1995, p. 35).

Na esteira desta (re)valorização da cultura e da antropologia aparece uma série de trabalhos no PPGS com abordagens diversificadas da vida social. Os lugares da cidade a serem abordados deixam de ser predominantemente ligados ao mundo do trabalho, como nos anos 1980, para se dirigirem aos locais de culto religioso, aos palcos, aos presídios, às praias, aos bares. A cidade passa a ser abordada em recortes cada vez mais microssociológicos, como nas dissertações sobre praças, aeroportos ou sobre partes de um bairro, tomados como lugares significativos.

A influência da antropologia de modo mais generalizado em quase todos os trabalhos analisados chega principalmente a partir de Clifford Geertz nos anos 1990. Parte significativa dos autores, a partir deste período, citam o

conceito de cultura e de etnografia do autor em *A Interpretação das Culturas* (1989). E muitos pretendem fazer etnografia como “descrição densa” (op. cit., pp. 13-41), tomando a cidade como ponto de referência.

Em uma tese mais recente, que tem por tema a disputa entre candidatos a vereador em um bairro da periferia (Mattos, 2004) observa-se a influência marcante da “antropologia da política”, que valoriza os “processos” e “interações sociais concretas”, ao invés de “sistemas” e “funções” (GOLDMAN e PALMEIRA, 1996, pp. 2-3)⁹. Assim, diferentes perspectivas sobre o mesmo lugar aparecem relativas e situadas, dependendo de quem fala e de onde se fala. Trata-se não só de uma questão de relativização das posições sobre o lugar. É o próprio espaço que é tematizado a partir das relações de poder, concebidas como parte das interações sociais mais amplas que não podem ser compreendidas separadamente¹⁰.

Em teses mais recentes também é marcante a influência da geografia política, o que também permite escapar de certas relativizações esterilizantes das quais são acusadas as abordagens culturalistas. Os territórios da cidade são pensados a partir de sua dimensão conflituosa (SOUZA, 2000, p. 78 apud MATTOS, 2004), como “campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade; a diferença entre nós e os outros”.

Exemplo de tese em que se encontra a influência da perspectiva de território da geografia política tem por objeto o aeroporto de Fortaleza (MESQUITA, 2009). Os geógrafos Rogério Haesbaert e Ester Limonard (2007, p. 42-43), definem algumas premissas para pensar as categorias *território* e *espaço*: 1) distingue-as, em favor da maior abrangência desta última; 2) pensa o território como construção histórica e social a partir das

⁹ Os autores fazem a história deste movimento, que vem desde a antropologia política britânica nos anos 1960. Ver a apresentação do livro *Antropologia, Voto e Representação Política*, organizado por eles (GOLDMAN e PALMEIRA, 1996).

¹⁰ Um dos autores muito citados no trabalho de Mattos (2004) é Bailey (1971), antropólogo inglês, considerado um dos expoentes da Escola de Manchester, junto com Max Gluckman. Bailey, que publicou suas pesquisas principalmente entre 1960 e 1970, é influenciado por Erving Goffman e se dedicou a compreender as regras implícitas do jogo social consideradas parte intrínseca dos jogos ditos políticos.

relações de poder; 3) enfoca a dimensão subjetiva que propõe denominar de “consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial”, ao lado de uma dimensão mais objetiva, que pode ser denominada “dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizada por instrumentos de ação político-administrativa”. É importante ressaltar que a perspectiva de território, que reconhece a presença de alguns aspectos considerados “objetivos” na relação entre poder e espaço, parece ser buscada quando o pesquisador se depara com tipos de situações ou lugares da cidade nos quais a vigência de certos controles político-administrativos parece mais evidente. É o caso do aeroporto, tomado como objeto de pesquisa como “espaço de fluxos”:

É da fricção entre as estratégias e procedimentos estabelecidos e executados pelas instituições de controle e organização desse espaço e os processos criativos provenientes das práticas de tempo e espaço dos demais usuários e frequentadores que se constituem espaços de fluxos como aeroportos.” (MESQUITA, 2009, p. vi)

A investigação não se detém na classificação de “não lugar”, atribuída aquele espaço, como o faz a categorização de Marc Augé (2004), que nega a relação de pertença e de identidade com os que por ali trafegam, a exemplo do que aconteceria também em muitos espaços nas cidades contemporâneas, como shoppings, estações ferroviárias, grandes cadeias de hotéis. Aliando a observação participante à aplicação de questionários, a tese buscou compreender como passageiros, acompanhantes, funcionários e comerciários “realizam práticas de tempo e de espaço” e conferem significados aos ambientes aparentemente impessoais.

Essas práticas resultam em processos de “territorialização” que em alguns casos assumem feixes de “rituais”, principalmente em suas funções “plásticas” e de simbolização da experiência compartilhada. Tais processos de “territorialização” no âmbito do aeroporto resultam em relações marcadas pela pressa e pela espera, sem, contudo, inviabilizar

sentimentos de pertença. (...) (MESQUITA, 2009, p. vi).

Uma tese sobre a atuação de torcidas organizadas do time de futebol Ceará (Ribeiro, 2010) utiliza como referência um conceito de território advindo da geografia política, que favorece a reflexão sobre a idéia de “controle” sobre o espaço. Esta noção tornou-se significativa neste campo de pesquisa, já que os territórios foram objeto por excelência de disputas entre as torcidas. A tese abordou o fenômeno a partir do conceito de território do geógrafo Paulo César Gomes, na obra *A Condição Urbana* (2002). O autor concede muita ênfase à idéia de controle sobre o território, pela qual é possível pensar “a imposição de regras de acesso, de circulação e normatização de usos, de atitudes e de comportamentos sobre este espaço. (...) é a expressão de um poder, ou seja, ele é aquilo que está em jogo em grande parte das disputas sociais, aí incluídas aquelas que disputam um direito à cidade” (GOMES, 2002, p. 12).

A ideia de território permite uma reflexão sobre a espacialidade das relações sociais observando a condensação de práticas e suas especificidades correlatas. Viabiliza também uma compreensão da variabilidade e dinamicidade dos espaços para além do sentido de reprodução e fixação de práticas sociais. É nessa perspectiva que emerge a observação de contravenções no uso dos espaços.

CONTRAVENÇÃO DE PRÁTICAS E MUDANÇA NO FOCO DO OLHAR

Na maioria das teses e dissertações analisadas observa-se que, os autores buscam enfatizar as práticas de contravenção de usos dos espaços em relação às imposições oficiais e administrativas. Tentam compreender como os sujeitos escapam às ingerências políticas, incluindo o controle sobre a dimensão do tempo e do corpo. Pode-se dizer que as teses e dissertações, não obstante suas diferenças, registram uma mudança no foco do olhar sobre os espaços da cidade, fugindo ao senso comum ou às teorias que enfatizam o peso das instituições e papéis sociais sobre a dinâmica dos comportamentos individuais e coletivos.

Na perspectiva de observação de usos alternativos dos espaços a estratégia metodológica adotada é a da observação e registro no diário de campo, mesmo que muitos autores admitam que não tenham feito etnografias em sentido estrito segundo a percepção antropológica.

A ideia de contravenção, portanto, está presente não só na interpretação feita pelos sujeitos pesquisados a respeito de suas práticas, mas também na análise que os autores fazem sobre os sentidos dos usos dos espaços urbanos. Os usos dos espaços apresentam-se majoritariamente contrários a percepções da mídia e de um senso comum sobre a cidade.

É possível dizer que os trabalhos de pesquisa presentes nas teses e dissertações buscam re-constituir a cidade, para além das versões teóricas mais usuais. A prioridade conferida aos “processos de subjetivação”, “territorialização” e “desterritorialização” substitui a abordagem na qual a cidade era preponderantemente analisada na perspectiva de abordagem estrutural segundo as formas capitalistas de dominação. Embora esta não deixe de estar presente como referente analítico, o que se observa é a existência de um leque bem mais amplo de olhares capazes de registrar sentidos difusos de dominação e insubordinação.

Uma das principais referências analíticas que vem alimentar este amplo significado de modificação de enfoque nos trabalhos analisados encontra-se nas categorias utilizadas por Michel de Certeau (1998), as quais vem se somar às contribuições de Deleuze e Guattari, já mencionadas anteriormente, dando suporte aos “processos de subjetivação” que são percebidos como capazes de imprimir marcas específicas na forma de viver a cidade¹¹.

Ao procurar pensar a “antidisciplina”, Certeau instiga: “mais urgente ainda é descobrir como uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela, a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 1998, p. 41). Certamente, uma maior autonomia ou liberdade concedida aos atores sociais tem forte inspiração nas formulações de Certeau

¹¹ Ao contrário de Deleuze e Guattari, mais tributários da herança de Foucault, Certeau critica a abordagem foucaultiana que, segundo ele, “privilegia o aparelho produtor da disciplina”.

fazendo emergir espaços e práticas cotidianas antes subsumidas ou pouco visíveis na idéia da cidade sob o imperativo das disposições econômicas e políticas. O conceito de usos permitiu a evidencia de atores, locais e práticas diversas. Usos referidos às formas peculiares de apropriação e resignificação de práticas sociais.

Os usos que os pescadores fazem da Lagoa no bairro da Parangaba, por exemplo, foi tema da dissertação de Monteiro Jr., 2009 que enfatizou a idéia de inversão de práticas sociais implicada nesta forma de utilização do local. No trabalho de pesquisa foi utilizado a categoria de ação *tática* de Michel de Certeau (1998, p. 47), pela qual o “fraco” vence momentaneamente o “mais forte”, utilizando-se de astúcias articuladas para “captar no vôo”, e obter prazeres ao jogar com as oportunidades do cotidiano. A ênfase na capacidade do sujeito elaborar modos especiais de consumir o espaço termina permitindo enfatizar processos criativos para além do suposto imperativo disciplinar. São identificadas no contexto da pesquisa três categorias de pescadores nas lagoas (sazonais, domingueiros e assíduos), por meio da observação participante com a qual o autor interessa-se ao perceber como estes:

problematizam a ambígua fronteira geográfica entre o lugar de trabalho (tempo de trabalho) e o lugar de lazer (tempo liberado após o trabalho e tempo liberado por falta de trabalho – desemprego), entre o público e o privado (MAGNANI, 1996). Ao se apropriarem da lagoa, esses indivíduos subvertem tal distinção, reforçando o caráter social e ativo na construção dos espaços sociais que constituem o terreno das sociabilidades e das subversões (MONTEIRO JR., 2009, p. 92).

Os sujeitos que são retratados no trabalho citado anteriormente são ativos (e reativos) em relação às imposições feitas a ele pelas diversas instâncias de controle e dominação social. A visão hegemônica desprezaria, segundo o autor, não só a importância ecológica das lagoas na cidade, mas os usos feitos delas por estes pescadores que as utilizam para, de algum modo,

“fugir do sistema” ou para tirar delas o alimento que garante a sua sobrevivência.

Chama a atenção também no contexto desta mudança de interpretação dos significados relacionados aos espaços urbanos, uma relativização da distinção entre “cidade” e “natureza”. A relação intrínseca entre estes dois pólos colocados muitas vezes como opostos¹², torna-se relevante para se perceber como os sujeitos elaboram suas “táticas” ou “linhas de fuga” (para usar, respectivamente, as expressões de Certeau e de Deleuze, dois autores muito influentes nos trabalhos aqui analisados), sendo o ambiente natural o grande “tesouro escondido” na cidade invisível. “Cidade” e “natureza” constituem duas faces da mesma moeda na elaboração dos sentidos dados aos lugares, pois não se pode compreender a relação dos moradores com a cidade sem passar pelos usos e apropriações dos sujeitos sobre o mar, a praia, o mangue, as lagoas, as árvores, as várias espécies de animais, ainda que só sejam visíveis para alguns.

Outros trabalhos de pesquisa enfatizam a apropriação criativa de espaços por atores sociais. Em dissertação sobre a prática do surf nas praias da Leste-Oeste e do Icaraí (Albuquerque, 2006), a autora destaca que os usos feitos do mar por moradores de bairros da “periferia praiana” dão a eles sensação de pertença e domínio sobre o espaço, tornando-o território, não no sentido “político” de enfrentamento do poder do Estado, mas subversão na micropolítica do cotidiano, como escreve a autora:

O localismo é um tema comum no ‘universo do surf mundial’, discussão sempre presente na mídia especializada. Mas, acima de tudo, um comportamento frequente entre os surfistas. Como já foi dito, é um sentimento intenso de ‘posse’ que os indivíduos estabelecem com o território onde ocupam, ou seja, com o pico

¹² Em pesquisa sobre os pescadores na Lagoa de Parangaba, Hélio Monteiro Júnior é levado a questionar a dicotomia entre “rural” e “urbano”, utilizada nos trabalhos da chamada Escola de Chicago. Analisando este fenômeno urbano, o autor percebe uma fusão com aspectos culturais que seriam tidos como tipicamente rurais, expressando a multiplicidade que caracteriza os modos de vida nas cidades contemporâneas (ver MONTEIRO JR, 2008, p. 23-24)

onde ‘tradicionalmente’ praticam o surfe. Embora seja uma prática muito criticada pela imprensa, praticantes e pessoas ligadas ao esporte é também universalmente aceito por boa parte daqueles que compartilham a ‘cultura surfe’. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 160).

Na mesma direção de inversão dos olhares sobre a cidade destaca-se tese sobre os jovens do Serviluz, também “periferia praiana”, elaborada a partir da convivência do pesquisador com surfistas e moradores de ruas próximas à praia do Titanzinho, naquele bairro (SÁ, 2010).

A violência, o medo e o risco fazem da experiência dos jovens do Titanzinho uma aventura desde a infância até a idade adulta. O fato de estarem num ‘canto’ praiano é visto como a principal dádiva divina. O portal para Deus se abre a partir do ambiente natural. A relação das crianças com o meio ambiente, com os animais, com os peixes, com a memória da pesca artesanal, com o mar, são os pontos principais de uma experiência que se deixa adivinhar como sagrada, pois centrada no valor da vida humana, que é redobrado por causa da sensação de fragilidade advinda com as adversidades de cunho natural e social do lugar (SÁ, 2010, p. 213).

Os jovens habitantes do Serviluz sentem-se privilegiados em relação aos moradores de outros bairros de periferia da cidade, por causa do contato íntimo com a praia próxima, a “dádiva” seria uma distinção para eles, especialmente no caso do Titanzinho, considerado *point* privilegiado de surf não só da cidade, mas do Brasil, e lugar onde se formaram grandes atletas deste esporte. A construção de uma positividade para as identidades de moradores de bairros tidos como “favelas perigosas” passa, como escreve Sá, pela “afirmação de valores e pertencimentos alternativos, não hegemônicos, em confronto com a

produção social da indiferença, na ordem social excludente da cidade de Fortaleza que desclassifica os moradores do Serviluz há 70 anos” (SÁ, 2010, pp. 239-240).

Outra compreensão de “cidade invisível” que uma inversão do olhar possibilitou revelar está na dissertação sobre memórias de trabalhadores do lixo em Fortaleza (ARAGÃO, 2002). Neste caso, a mudança de análise se dá tanto pela escolha do objeto de pesquisa, quanto pelas leituras surpreendentes, para o senso comum, que seus interlocutores – os trabalhadores do lixo – fazem da cidade, através de suas lembranças. “Remexendo suas memórias, olho a cidade vista e delineada por eles” (ARAGÃO, 2002, pp. 14-15). O que se encontra, vai muito além da afirmação já conhecida da ideia de uma cidade desigual e injusta, embora estes aspectos também estejam presentes nas narrativas destes sujeitos:

os garis e os locais de depósito dos resíduos sólidos recebem o mesmo tratamento destinado às pessoas/espacos ligados a “produções” antigas e permanentes da sociedade: cemitérios, manicômios, hospitais terminais, prisões, áreas de prostituição e albergues para mendigos. As pessoas que trabalham ou vivem nesses lugares são quase sempre marginalizadas. Estes lugares são considerados malditos, relegados aos “cantos” e à “periferia” da cidade, assim como o lixo em nossas casas (ARAGÃO, 2002, p. 122).

Embora a análise remeta aos depoimentos de trabalhadores cujas memórias sobre o trabalho são marcadas pelo ressentimento, há também o encontro com uma antiga catadora de lixo que interpreta o seu tempo de vida e trabalho no lixo como uma forma de insubordinação ao sistema. O lixão é visto como um lugar de lazer e diversão: “*Tenho saudade daquele tempo! Tenho. Só pra fazer bonecage...porque ali dentro da usina não tem home. Só tem fulerage. Complementa afirmando: ...pra mim aqui não teve dificuldade nenhuma...*” (ARAGÃO, 2002, p. 129-130)

UMA SOCIOANTROPOLOGIA DOS BAIRROS

O estudo sobre a socialidade dos jovens no bairro Serviluz, objeto de pesquisa na tese citada anteriormente, faz parte de um conjunto de outros trabalhos que também elegeram como campos de pesquisa, locais de moradia tidos como “perigosos” nos discursos midiáticos. É o caso da Aerolândia (MATOS JR, 2008); do Bom Jardim, (PAIVA, 2007); do Conjunto Palmeiras (MATTOS, 2004); Pirambu (PRADO, 2003). As teses e dissertações tomadas como objeto de investigação não tinham como objetivo prioritariamente pensar a relação bairro-cidade, uma vez que seus focos de interesse eram, nos três primeiros casos, diferentes formas de viver a violência, e, nos últimos, de viver a política e o cotidiano. No entanto, ao longo do trabalho de campo o bairro apareceu como uma categoria definidora abrangente para pensar sobre uma variedade de temas circunscritos a um microcosmo portador de dinâmicas sociais complexas.

Na perspectiva de pensar sobre essa elaboração metonímica é possível propor a seguinte questão: é viável do ponto de vista sociológico pensar a cidade a partir dos bairros? Percebendo essa problemática do ponto de vista “nativo”, a lógica de pertencimento pode estar referenciada nessa territorialidade denominada como “bairro”? Em outras palavras, como apropriar-se do “bairro” em um contexto de grande complexidade tal como a vida nas grandes cidades contemporâneas, nas quais as redes de relações sociais ultrapassam em muito os mecanismos tradicionais de identificação como a vizinhança ou o lugar de moradia?

É curioso perceber que, no âmbito das teses analisadas, a temática do bairro como referência não tenha advindo da idéia de tomá-lo previamente como campo exclusivo da pesquisa. A tese já referida, cujo tema enfocou as disputas entre duas torcidas organizadas de um mesmo time de futebol, no decorrer da pesquisa incorporou o bairro como espaço de referência (RIBEIRO, 2010). A autora encontrou este recorte “nativo” de maneira marcante na sua

pesquisa etnográfica a partir de análise dos conflitos entre as torcidas. A partir de certo momento da pesquisa, ao centrar suas observações nas entrevistas, percebeu que o bairro Barroso II abrigava uma das gangues mais atuantes e “perigosas” ligadas às torcidas organizadas¹³.

A pesquisa identificou que a clivagem por bairro na ordem das rivalidades entre torcidas e torcedores era superior, em muitos casos, à do próprio time, tal como apareceu na descrição de um baile de torcida:

Os bailes se organizavam, especialmente e no plano das sociabilidades, segundo a geopolítica de amizades e rivalidades entre grupos de diferentes bairros da cidade. A participação ou a simpatia a uma torcida não eram determinantes para a localização dos participantes no baile, e se submetiam às demarcações territoriais que organizavam os participantes no salão, divididos em três lados: A, B e C. ‘É porque quando era baile era mais pelo seu bairro, você podia torcer Ceará ou Fortaleza, se seu bairro fosse para Cearamor, você tinha que ir pra lá. TUF do mesmo jeito (...)’ (RIBEIRO, 2010, p. 110)

Em artigo em que analisa a produção recente no campo da sociologia urbana, Barreira (2007) também vê o bairro como campo de pesquisa que oferece amplas possibilidades ao olhar. A autora propõe mesmo uma “sociologia dos bairros” que poderia se constituir em um campo de investigação e análise:

Não obstante a vigência de processos globais, atuando como pano de fundo no âmbito dos registros sociológicos da cidade, torna-se

¹³ “Este bairro, melhor dizendo, o grupo composto por jovens moradores de lá é considerado, dentro da torcida, sob o peso de forte estigma pessoal, social e espacial. Eles são definidos pela geopolítica urbana juvenil como os que não estão nem aí, os que não tem nada a perder, os perigosos, os que brigam e roubam, aqueles com quem o diálogo é quase impossível. Justamente por isso me interessei por este bairro em particular (...)” (RIBEIRO, 2010, p. 120)

importante retomar o contexto das práticas cotidianas reveladoras de sentidos e processos citadinos. Trata-se de pensar as dinâmicas estruturais mais abrangentes mediante o que poderia ser designado de “sociologia dos bairros”, entendendo que, a partir de espaços microsociais, é possível examinar perspectivas globais da cidade. O bairro, como lugar expressivo de práticas sociais, permite ultrapassar a lógica linear de certas generalizações, atentando para situações mais densas e contraditórias vivenciadas no cotidiano da cidade (BARREIRA, 2007, p. 165-166)

No mesmo artigo, a autora também lembra que os bairros já foram objetos freqüentes de pesquisa nos anos 1980 e 1990, atentando porém para o fato de que nesse período eram interpretados como espaços privilegiados das lutas sociais que se deslocavam das fábricas e locais de trabalho para os lugares de moradia. Lá se desenvolviam os “movimentos sociais” por meio dos quais os moradores ou “líderes comunitários” dirigiam suas reivindicações ao Estado (BARREIRA, 1992; SCHERER-WARREN, 1993; GOHN, 1995).

Se estes trabalhos substancializavam a idéia de bairro como um todo homogêneo ao pensá-lo de modo essencialmente “político”, atualmente as perspectivas dos trabalhos sobre bairros nem sempre tem o Estado como referência, embora também incorporem categorias tais como as relações de poder pensando em termos da abordagem de Weber (1991).

As teses e dissertações que tomaram os contextos de moradia como bases de suas reflexões favorecem a percepção da complexidade das diferentes ordens espaciais, pelas quais os sujeitos geram seus territórios em um mesmo lugar identificado como “bairro” nos mapas oficiais.

Vários dos trabalhos que foram objeto de análise na pesquisa identificam a existência de “centros” e “periferias” no interior destes bairros, sendo eles próprios percebidos como periféricos em relação ao centro oficial. “De perto e dentro”, – para usar uma expressão de Magnani (2002)¹⁴, muito citada na

¹⁴ Magnani (2002) é referência em grande parte dos trabalhos aqui citados, ao propor uma antropologia da cidade voltada a uma compreensão mais calcada na identificação, descrição e

maioria destes trabalhos –, considerando o fato de que um bairro pode ser visto como “perigoso” em sua totalidade, sobretudo pela mídia, mas seus moradores diferenciam, relativizam e hierarquizam internamente o espaço em que habitam, percebendo quais são os territórios do “perigo” a partir do lugar social em que se encontram.

Significativo, neste sentido, é a pesquisa que toma como objeto a Praça da Aerolândia que se tornou alvo de conflitos pelo fato de ser utilizada por jovens usuários de drogas (MATOS JR, 2008). Ao escolher a perspectiva dos usuários, o autor encontra também os seus medos e percepções feitas com base na identificação de “perigos” normalmente atribuídos aos outros. Outra praça, também alvo de conflitos, que foi objeto de pesquisa é a da Gentilândia, que, freqüentada por jovens homossexuais entre os anos 2004 e 2008, gerou fortes reações homofóbicas por parte de comerciantes e moradores do entorno. A pesquisa que deu origem à dissertação mostrou como a expressão pública da sexualidade associava-se a conflitos em torno do uso de um espaço urbano (VIANA, 2009).

A percepção da segmentação dos espaços e suas divisões simbólicas incidem sobre diferentes percepções de “nós” e dos “outros” que são categorias a partir das quais os moradores da cidade se utilizam para diferenciar os bairros entre si ou as divisões internas dentro de um mesmo território¹⁵. Em outras situações, as designações de “favela”, “bairro”, “comunidade” – tornam-se uma via muito profícua para se analisar tanto a percepção dos sujeitos moradores sobre suas práticas como a relação que estabelecem com os espaços urbanos (ver MATTOS, 2004; SÁ, 2010).

As categorizações espaciais não são, entretanto, fixas. Mesmo entre os trabalhos que tomam “o centro da cidade” como objeto (BARBOSA, 1997;

reflexão sobre situações e sujeitos em seus usos cotidianos do espaço urbano, que não perca de vista estas referências em nome de questões políticas ou mesmo de poéticas sedutoras.

¹⁵ Muito influentes para estes tipos de interpretação de “centro” e “periferia” dentro destes trabalhos que tomam os bairros como referência são as leituras de Norbert Elias e James Scotson, em *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), e Loïc Wacquant, em *Os Condenados da Cidade* (2001).

PIMENTEL, 1998; VASCONCELOS, 2008; PIMENTEL, 2008) são encontradas problematizações acerca da própria idéia de centro, pelo menos nas pesquisas mais recentes:

Com a rápida expansão das cidades, proporcionada pela concentração e aceleração das trocas comerciais na modernidade capitalista, os centros começaram a não comportar toda a gama de atividades que perpetuariam, na maioria das cidades, esta interligação entre centro histórico e centro urbano. A partir daí, outras áreas “periféricas” passaram a atuar como “subcentros” e as áreas centrais, que por muito tempo foram vistas como receptáculos por excelência da vida urbana, passaram, no âmbito das grandes metrópoles, a perder prestígio devido, entre outros motivos, a já não tão exclusiva característica de vórtice urbano. Com isso, principalmente a partir da segunda metade do século XX, o centro passa a ser alvo de programas de revitalização, requalificações, reabilitações ou renovações urbanas; tocados pelo poder público e pela iniciativa privada. Todas estas estratégias se ancoram na valorização da imagem da cidade a partir do seu centro e se põem como políticas prioritárias, devido à urgência na recuperação deste status perdido pelo centro. São, em resumo, tentativas de resgate da importância econômica e simbólica que estas regiões outrora tiveram (VASCONCELOS, 2007, p. 3).

As propostas chamadas de “requalificação” observadas em determinados lugares da cidade, como o centro e a Praia de Iracema (bairro este que foi “campo” de cinco dos 30 trabalhos aqui analisados), também são discutidas à luz da idéia de memória e patrimônio como construções sociais.

Em pesquisa sobre a Praia de Iracema, Schramm (2001) elabora reflexão sobre como se constrói uma “memória” que subsidia de forma hegemônica uma versão do passado. A autora analisa as intervenções do

Poder Público no bairro, demonstrando que o projeto de requalificação da Praia de Iracema, “para abrigar essas novas funções, em meados da década de 1900, apoiou-se nas memórias de determinados grupos sociais, referendando-as como sendo a ‘tradição’ da Praia de Iracema, em detrimento das memórias de outros grupos, que foram sendo apagadas ou obscurecidas” (SCHRAMM, 2001).

Em perspectiva analítica mais voltada para o conflito entre frequentadores da Praia de Iracema, Roselane Bezerra (2008) analisa no mesmo bairro os diferentes usos do espaço com suas tensões e apropriações marcadas por recortes culturais e políticos que se definem por temporalidades. Os sentidos negativos de decadência e positivos de boemia confrontam-se em vários discursos interferindo na construção da ideia de patrimônio.

Tomar o bairro como referência, assim como a cidade, não teve como consequência substancializá-los. A perspectiva microssociológica permitiu compreender a complexidade das ordens territoriais e subjetivas que se entrelaçam dentro de cada espaço delimitado oficialmente como “bairro”. Os mapas, ao serem superpostos, se mostraram bastante heterogêneos. É esta heterogeneidade e complexidade que o conjunto das pesquisas aqui analisadas contribui para revelar.

A CIDADE COMO PANO DE FUNDO

Os trabalhos analisados trouxeram à tona o antigo tema sociológico da totalidade, mostrando a eficácia de uma microssociologia que não deve abdicar da ideia de inserir os objetos de pesquisa na trama dos processos sociais. Se o bairro é um microcosmo de um universo relacional mais amplo, o esforço de uma recomposição de idas e vindas deve ser apreciado tendo em vista evitar a percepção de uma absolutização de práticas sociais cujo sentido se efetiva no contexto urbano mais amplo, envolvendo a cidade, sua história e suas conexões com processos globais. Assim, como separar os conflitos em torno de estigmas sobre a sexualidade das práticas afirmativas de gênero e as

reações conseqüentes que se efetivam na Praça da Gentilândia mas se apresentam em outros lugares e contextos urbanos? Como não associar as disputas de hegemonia sobre o patrimônio a políticas de gestão da cidade que radicalizam usos e disciplinas na disputa permanente de espaços? Essas e outras questões levam a pensar o bairro em sua face dupla que tende a separar-se do conjunto na perspectiva de afirmação de identidades geográficas, ao mesmo tempo em que nele se associam cotidianamente às práticas e propostas de intervenção que permeiam a vida urbana em seus aspectos sociais, econômicos e simbólicos.

É também relevante pensar que o olhar sobre espaços microssociais passa a ter sentido no momento em que uma metrópole como Fortaleza com dois e meio milhões de habitantes, quinta capital brasileira em termos populacionais, passa a abrigar complexidades, diversificando áreas de vida e consumo urbano e constituindo espaços que Magnani denominaria de “pedaços”. Uma espacialidade descentralizada e atravessada por diversidades contribui objetivamente para que a incidência de olhares sociológicos e/ou antropológicos adquira um teor fecundo.

É preciso também entender o que poderia ser denominado de passagem das abordagens estruturais para as microssociológicas como uma espécie de movimento de paradigmas capazes de encontrar, em situações mais delimitadas, a possibilidade de registro de uma rede mais complexa de interações. A “descoberta” de atores concretos, na sua diversidade de ações, e a diferenciação dos significados dos coletivos apontou, por exemplo, a metrópole “com a cadeira na calçada”, a sociabilidade da vizinhança convivendo com o anonimato e a atitude de indiferença (SIMMEL, 1979).

Essa aproximação da lupa, que as teses e dissertações edita, tal qual um *zoom* da tela eletrônica, sinalizou o cotidiano na sua maré de intercessões fazendo emergir a profusão de ações e categorias sociais normalmente escondidas em uma abordagem exclusivamente estrutural. O bairro *da* cidade, o bairro *na* cidade e o bairro *como* cidade são, portanto, recomposições importantes que esse conjunto de teses e dissertações apontou, servindo de referencia para análise da produção em outros contextos acadêmicos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Cynthia. *“Nas Ondas do Surfe”*: Estilos de Vida, Territorialização e Experimentação Juvenil no Espaço Urbano. Dissertação, PPGS/UFC, 2007.

ARAGÃO, Liduína. *As trilhas da cidade pelas memórias dos trabalhadores do lixo em Fortaleza*. Dissertação, PPGS/UFC, 2002.

ARRAIS NETO, Enéas. *O poder da arquitetura e a arquitetura do poder*. Dissertação, PPGS/UFC, 1993.

BAILEY, F.G. *Gifs and Poison. The Politics of Reputation*. Oxford, Basil Blackwell, 1971.

BARBOSA, Francisco Carlos. *A Força do Hábito: condutas transgressoras na Fortaleza remodelada*. Dissertação, PPGS/UFC, 1997.

BARREIRA, Irllys. “Introdução”. *Catálogo de Dissertações*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (1978/1995). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

BARREIRA, Irllys. “Usos da cidade: conflitos em torno da memória e imagem de um bairro”. In: *Análise Social*, Instituto de Ciências Sociais, ICS, vol. XLII (182), 2007, 163-180, Lisboa, 2007.

BEZERRA, Roselane. *O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”*. Tese, PPGS/UFC, 2008.

BEZERRA, Tereza Cristina. *O estetismo difuso na experiência Hip-hop*. Dissertação, PPGS/UFC, 1999.

CASTELLS Manuel, *Cidade, Democracia e Socialismo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência*. Tese, PPGS/UFC, 1998.

FRUGÓLI JR., Heitor. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2005, vol. 48, nº 1.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979

GADELHA, Kaciano. "*Um barulho na cidade*": *culturas juvenis e espaço urbano*. Dissertação, PPGS/UFC, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LCT Editora, 1989.

GOHN, Maria da Glória (org.) *Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis, Vozes, 2003.

GOLDMAN, Marcio e PALMEIRA, Moacir. "Apresentação". In: GOLDMAN, Marcio e PALMEIRA, Moacir (org.) *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1996.

GUATTARI, F., "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade". *Espaço & Debates*. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano V, nº 16, SP, 1985.

HANNERZ, Ulf. *Explorer la Ville*. Les Editions Du Minuit, Paris, 1983.

MACIEL, Wellington. *Aeroporto de Fortaleza: usos e significados contemporâneos*. Dissertação, PPGS/UFC, 2006.

MATOS JUNIOR, Clodomir. *Violência, cidadania e medo: vivências urbanas em Fortaleza*. Dissertação, PPGS/UFC, 2008

MATTOS, Geísa. *A Favor da Comunidade: Modos de Viver a Política no Bairro*. Tese, PPGS/UFC, 2004.

MAGNANI, José Guilherme. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 49, junho de 2002.

_____. "Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole. In: *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp, 2000.

MESQUITA, Rogério Radamés. *Etnografia de um espaço de fluxos no aeroporto de Fortaleza*. Dissertação, PPGS/UFC, 2009.

OLIVEIRA, Heloísa. *O poço da draga e a praia de Iracema: convivência, conflitos e sociabilidades*. Dissertação, PPGS/UFC, 2006

PAIVA, Luiz Fábio. *Contingências da violência em um território estigmatizado*. Dissertação, PPGS/UFC, 2007.

PERLONGUER, N. "Territórios marginais" IN: MAGALHÃES, Maria (org.) *Na Sombra da Cidade*. São Paulo, Editora Escuta, 1995.

PRETECEILLE, Edmond *Crise Urbaine, Fragmentación sociale et descentralization* Paris, CNRS, 1985.

PIMENTEL, Lídia. *Praça José de Alencar: pedaços da cidade, cenário da vida*. Dissertação, PPGS/UFC, 1998.

PRADO, Antonia Ieda. *Uma rua, um bairro, uma cidade*. Dissertação, PPGS/UFC, 2003

RIBEIRO, Josiane. *Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I*. Tese, PPGS/UFC, 2010.

SÁ, Leonardo. *Guerra, mundão e consideração. Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*. Tese, PPGS/UFC, 2010.

SCHRAMM, Solange. *Território Livre de Iracema: só o nome ficou?* Dissertação, PPGS/UFC, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Cidadania sem fronteiras. Ações coletivas na era da globalização*. São Paulo, Hucitec, 1999.

SIMMEL, G. "A Metrópole e a Vida Mental" In: VELHO, Otavio (org.) *O Fenômeno Urbano*. Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1979.

TOPALOV, Cristian La Urbanization Capitalista, Editorial Edicol, México, 1979.

VALE, Alexandre. *Cenas de um público implícito: territorialidade marginal, pornografia e prostituição travesti no cine Jangada*. Dissertação, PPGS/UFC, 1998.

VIANA, Waldiane. *Manifestações homofóbicas em espaços públicos: Praça da Gentilândia em Fortaleza*. Dissertação, PPGS/UFC, 2009.

VIEIRA, Sulamita (org.). "Caminhos das Ciências Sociais?" *Catálogo de Dissertações e Teses (1978-2002)*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2002.

WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade*. Rio de Janeiro: Revan/FASE, 2001.

WIRTH, Louis. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Gilberto. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.